

0.0. Em seu estudo sobre palavras cruzadas, publicado em *Du Sens*, (0 Greimas aponta entre esta e a linguagem poética o traço comum de tratar-se em ambos os casos de comunicação diferida. Além da anti-poeticidade) das palavras cruzadas, Greimas assinala a seguinte diferença: enquanto nas palavras cruzadas parte-se de um inventário de definições de sentido para chegar-se ao não-sentido das denominações, a linguagem poética parte do aparente não-sentido para o sentido.

Uma forma de diferir a comunicação se encontra expressa na já bastante conhecida conceituação de figura estilística: a distância entre duas expressões diferentes de um mesmo conteúdo. Esta conceituação pressupõe, de um lado, a dicotomia expressão vs conteúdo e, de outro, a dicotomia equivalência vs distância. Distância quanto à expressão e equivalência quanto ao conteúdo. O trabalho do leitor, na busca da significação, consiste, portanto, na identificação da distância, isto é, das expressões diferentes e, a seguir, na supressão dela através da identificação de um mesmo conteúdo. Essa atividade pressupõe que nada no plano da expressão se opõe à existência de conteúdos formuláveis de formas variadas.

A figura estilística é, portanto, uma figura que se dá no discurso, *lugar de encontro do significante e do significado*, mas também *lugar de distorções de significação devidas às exigências contraditórias da liberdade e das injunções da comunicação, às oposições das forças divergentes da inércia e da história* (SS, 42).

0.1. Se a figura estilística é uma relação de plano da expressão e plano do conteúdo numa proporção de -1-1 E / I C, faz-se necessário um exame da natureza das unidades do plano da expressão, isto é, das unidades de comunicação, e das unidades do plano do conteúdo, ou seja, das unidades de significação.

1.1. As unidades de comunicação são de dimensão e estrutura diferentes e são descritíveis através de categorias morfossintáticas: lexemas, paralexemas, sintagmas e enunciados. Em todo discurso as unidades sintáticas servem de quadro a um tipo específico de isotopia : uma isotopia gramatical que se manifesta graças à concordância e à recção. Constituída de um pequeno número de classemas, a isotopia gramatical se encarrega não propriamente da manifestação do conteúdo mas de sua transmissão. Greimas identifica essa função gramatical com a função fática jakobsoniana. Realizada por

O FUNCIONAMENTO METALINGUÍSTICO DO DISCURSO EM UM POEMA DE DRUMMOND

Tieko
Yamaguchi
Miyazaki

morfemas gramaticais, cuja densidade semêmica é relativamente fraca, essa isotopia tem função translativa. *Esta noção de translação*, diz Greimas, *toma de Tesnière, explica muito bem o papel desempenhado pelos morfemas gramaticais, os quais tomam os lexemas como os termos-objetos de uma sub-linguagem e os transmitem, como o jogador que passa a bola para o companheiro, com a ajuda da redundância gramatical até o fim último que é o destinatário* (SS, 116). A redundância gramatical é dupla: de um lado, a iteratividade das classes gramaticais e, de outro, a iteratividade dos mesmos esquemas elementares em que são forjadas as mensagens. A construção sintática não é no entanto tão transparente: ela cria um terceiro tipo de redundância graças, por exemplo, aos processos de derivação, à reiteração dos mesmos semas em lexemas e translativos. Lembra Greimas: *a gramaticalização da manifestação seria algo excelente se as funções de significação e as de comunicação fossem claramente distintas. Infelizmente, as estruturas de comunicação (...) significam, e as estruturas de significação (...) se agenciam para comunicar: daí resultam as contínuas distorções do discurso.* (SS, 116).

1.2. As unidades de comunicação acima enumeradas não correspondem unidades de significação exatamente da mesma dimensão e estrutura. Não há isomorfismo entre estas unidades de natureza distinta.

As unidades gramaticais são unidades não-semânticas. Dentre elas, nem mesmo o lexema, de status sintático bastante claro, pode ser considerado unidade de significação. É antes um quadro gramatical que possibilita a manifestação de sememas diferentes (DS, 305); é um modelo de funcionamento e não uma unidade de conteúdo (SS, 108); é um modelo virtual que subsume todo o funcionamento de uma figura de significação recoberta por um formante *mas* (grifamos) anterior à toda manifestação no discurso; este só pode produzir sememas particulares (SS, 51).

A unidade semântica é a resultante do encontro de pelo menos dois lexemas. Ao não se considerar mais o lexema como a menor unidade de sentido, a sequência do plano do conteúdo manifestado seria então a composta da combinatória de dois sememas. O contexto é, portanto, a unidade de discurso superior ao lexema e é nesse nível de articulação do conteúdo que se processa todo o sistema de compatibilidades e incompatibilidades semicas.

Os elementos constitutivos da sintaxe semântica são, portanto, os sememas. Dados os elementos constitutivos, a sintaxe oferece um corpo mínimo de regras de construção com as quais os sememas são arranjados em

esquemas sintáticos elementares.

1.3. O discurso é uma hierarquia de unidades de comunicação que se encaixam umas nas outras. A manifestação discursiva da linguagem consiste no estabelecimento de relações hipotáticas. Essa propriedade do discurso que permite acrescentar determinações sucessivas não pode ser confundida com a propriedade da expansão. Esta consiste na capacidade de unidades de comunicação de dimensão e estrutura diferentes serem reconhecidas como equivalentes através da neutralização da hierarquia sintática. A propriedade que tem uma seqüência em expansão de ser considerada como equivalente a uma unidade sintaticamente mais simples. A equivalência define o próprio funcionamento normal de uma língua: uma atividade metalinguística em que se valorizam as relações de conjunção e disjunção.

À mensagem em expansão se opõe a decodificação compressiva da condensação.

A expansão encontra sua expressão na definição e a condensação na denominação. A definição é uma expansão sintagmática que mantém com o termo a definir — denominação — uma equivalência baseada na existência de alguns semas comuns. Na equivalência se dá uma identidade sêmica parcial que é suficiente para dar conta do funcionamento metalinguístico do discurso e para autorizar uma análise semântica. Isto quer dizer também que entre dois segmentos justapostos um conjunto de semas permanece fora da área da equivalência: esta se processa entre a base classemática da denominação e os elementos genéricos da definição.

1.4. Em seu ensaio sobre palavras cruzadas, após diferenciar a atividade do autor da do leitor — um cria a distância deixando a equivalência implícita e o outro suprime a distância explicitando os processos de camuflagem da equivalência — Greimas diz: *Tanto num caso como no outro, a tarefa do lingüista consiste em descrever os processos de manipulação de conteúdos, considerados equivalentes enquanto núcleos de Dn (denominação) e de Df (definição) e que sofrem uma série de conversões, transformações para serem finalmente recobertos, na manipulação lexemática, por expressões diferentes, distanciadas e muitas vezes desconhecidas Pouco importa que o resultado dessa explicitação de manifestação se apresente sob a forma de regras de conversão ou de uma descrição de redes de relações: basta que essas manifestações não sejam consideradas como orientadas, uma vez que, teoricamente pelo menos, o processo criador do autor toma caminhos que o*

processo interpretativo do leitor deve reencontrar e percorrer no sentido inverso.

Nossa hipótese de trabalho consiste então em dizer que, dada a equivalência entre os conteúdos Dn e Df, esta só pode ser estabelecida pela supressão da distância (Di):

$$C(Dn) \wedge C(Df) - Di \text{ (DS, 289)}$$

A partir dessa hipótese de trabalho, passa a descrever a distância do ponto de vista sintático e, a seguir, as equivalências e distâncias semânticas.

Do ponto de vista sintático, as expansões (Df) podem ser isomorfas ou heteromorfas, conforme a unidade sintática Df seja ou não da mesma natureza de Dn. Nessas relações Df corresponde a parte do enunciado simples. Nas relações isomorfas, os sintagmas Df são ou derivados de primeiro grau (exemplo: Df = grupo nominal - Dn = Ai (sujeito); Df = grupo verbal - Dn = F (verbo) ou derivados de segundo grau (Df = grupo adjetivo — Dn = Ai (sujeito); Df = grupo adjetivo - Dn = epíteto ou atributo). Estas relações se caracterizam por darem lugar a substituições paradigmáticas. As relações heteromorfas possibilitam permutações sintagmáticas dentro do quadro do enunciado. Podem ser derivados de primeiro grau (Df = grupo predicativo - Dn = Ai (sujeito); Df = grupo circunstancial - Dn = Aj (sujeito), ou derivados de segundo grau (Df = grupo predicativo - Dn adjetivo).

Nas definições de extensão igual ao do enunciado simples têm se igualmente derivados de primeiro (Dn = Ai (sujeito), A2 (objeto), A4 (destinatário), C (circunstanciais) e de segundo grau (Dn = complemento nominal, epíteto, substantivo de grupo nominal, atributo).

Essas considerações se resumem no quadro:

unidades sintáticas definições	elementos constitutivos do enunciado	graus de derivação
substitutivas permutacionais	isomorfas heteromorfas	heteromorfas heteromorfas

(DS, 295)

As definições apresentam uma organização interna: são segmentáveis em duas unidades discretas, passíveis de uma conversão negativa aplicada simultânea ou sucessivamente aos dois termos. Essas unidades que se encontram ligadas por uma relação hipotética, se encontram também em uma relação de complementaridade que exige o estabelecimento de uma isotopia única indispensável à equivalência $D_f = D_n$.

1.5. Durante toda a análise das palavras cruzadas de Greimas, permanece subjacente o outro termo de comparação, declarado no início do ensaio e retomado no final: a linguagem poética. Tendo sempre em mente o princípio que em **La linguistique structurale et la poétique** considera o *impulso revolucionário dado às pesquisas* - o princípio da projeção de equivalências na cadeia sintagmática, de Jakobson-Greimas chega à conclusão de que na linguagem poética é a existência de uma isotopia geral do texto que possibilita a leitura homogênea das definições. Baseando-se no princípio de Jakobson afirma que a relação hipotética dos lexemas de uma definição pode ser neutralizada em favor dos sememas os quais, situados num plano semântico homogêneo, se encontram em relação de conjunção e disjunção. Numa definição de um texto poético não ocorre, portanto, uma hipotaxe de sememas mas uma conjunção. De modo geral pode-se dizer que, se a ambigüidade de uma definição pode ser resolvida graças à articulação binária de sua organização interna, o mesmo não ocorre com a denominação. Em princípio as denominações - lexemas isolados — são indeterminadas quanto à significação; elas dependem das relações que mantenham com as definições correspondentes.

Dessa mútua dependência das definições e denominações resultam, de um lado, a reiteração de semas e, de outro, o fechamento circular do discurso. Essas duas conseqüências fundamentam a originalidade do texto poético: *a originalidade dos objetos literários (o termo é absolutamente impróprio)*, diz Greimas, *parece poder definir-se por uma particularidade da comunicação: o esgotamento progressivo da informação, correlativo ao desenvolvimento do discurso: esta, ao cortar o fluxo das informações, dá uma nova significação à redundância, a qual, longe de constituir uma perda de informação, vai pelo contrário valorizar os conteúdos selecionados e enclausurados. A clausura neste caso transforma o discurso em objeto estrutural e a história em permanência.* (DS, 272).

2.0. Passemos agora à análise de um poema de Carlos Drummond de Andrade à procura dos caminhos que, através de mecanismos metalingüís-

ticos, nos conduzam à construção de um sub-código próprio ao texto, a um micro-universo semântico autônomo.

A M A R

QUE PODE uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e mal amar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão vazio,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.

Este o nosso destino — amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na segura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

(Noticias amorosas - CLARO ENIGMA) (2)

Já de início o título do poema coloca a pergunta: por que amar e não amor? Uma resposta imediata mas provisória é oferecida pela constante repetição da forma verbal ao longo do texto, atingindo inclusive o verso de

encerramento. Uma segunda resposta, decorrente da primeira, seria a que opusesse o estaticismo do substantivo à dinamicidade do verbo, indicando com isso a intenção de focalizar-se não o sentimento mas a atividade, o processo. É necessário, no entanto, todo um exame acurado para confirmar-se ou não essa significação baseada simplesmente em uma distinção morfológica.

Tomando como pressuposto que a relação do título de um poema com o próprio poema é uma relação de denominação—definição, de condensação—expansão, estabelecemos como método de trabalho a hipótese de que a relação entre título e texto é a que define a figura estilística como duas expressões diferentes para o mesmo conteúdo.

2.1. O poema é composto de cinco estrofes, todas elas de cinco versos, exceptuando-se a última, constituída, em franco contraste com as anteriores, de somente dois versos. Esse contraste não é homologado por um outro: a forma amar é empregada nas três primeiras estrofes e na última, enquanto a penúltima, a IV, se caracteriza pela presença reiterada da forma amor. Após a repetição de amar nas três primeiras estrofes, a sua volta na última é enfatizada pela interpolação de uma estrofe marcada pela sua ausência, substituída pela forma amor. Pode-se dizer ainda que essa volta está também posta em destaque não só pela interpolação referida como pela diferença numérica dos versos da estrofe. Isto tudo faz crer na importância da forma verbal neste poema. A sua forma nominalizada no alto da folha de papel, solta no meio do silêncio do espaço em branco ao redor, se oferece como um signifiante à espera da descoberta de seu significado.

2.2. As estrofes em que se apresenta a forma amar na realidade retomam simplesmente a pergunta formulada logo nos versos iniciais:

*Que pode uma criatura senão, entre criaturas, amar?*⁷

O contexto frasal é bastante complexo. É necessário proceder-se a toda uma análise não só da modalização introduzida pelo verbo poder como também pela forma interrogativa, de valor nitidamente retórico e, concomitantemente a esta, da restrição forte expressa por senão. Seria isso tema de um longo trabalho. Por ora tomemos aquilo que está evidente na questão formulada pelo poema: a disforia manifestada pela função emotiva dos dois versos iniciais, introdutórios, é confirmada, de forma mais clara, na primeira parte da

estrofe II pela transformação da enunciação em enunciado, em um enunciado reflexivo:

*Que pode, pergunto, o ser amoroso/ (...) senão rodar também, e
amar?*

O primeiro dado com que conta o leitor é, portanto, a disforia atribuída ao verbo amar, contrariando a euforia sistemicamente pressuposta por sua oposição à disforia de odiar.

Considerando-se ainda simplesmente o verbo que realiza o núcleo do predicado da proposição, verifica-se que os três versos subsequentes se encarregam de não só confirmar reafirmando o que expressam os dois primeiros, mas principalmente de estabelecer equivalências. Se equivalência implica diferença e semelhança, distância e identidade, pode-se dizer que nessas seqüências — binárias e ternárias - dos três versos ocorre uma isotopia antes de mais nada gramatical, graças à reiteração da mesma classe morfológica, graças à reiteração do mesmo esquema sintático elementar. Dá-se, pois, uma identidade sintática, numa relação isomorfa. A distância entre eles se processa ao nível semiológico em esquecer e ao nível semântico nos compostos de amar: desamar e malamar. O *écart* no plano da expressão, praticamente total em esquecer e parcial (através dos prefixos) em desamar e malamar, é neutralizável pela disforia contextual de amar. Com relação ao primeiro verbo, essa distância só é vencida, parece, após o exame de sua significação decorrente da posição ocupada por ele na seqüência do verso. Como isto requer um exame mais demorado que não é possível ser feito no momento, vamos restringir-nos aos compostos de amar. Nestes, como se disse, a oposição paradigmática da disforia lexicalizada pelos prefixos é neutralizada pela disforia de amar no contexto geral do poema. Essa neutralização possibilita, de um lado, a equivalência semântica entre o verbo original e os seus compostos e, de outro, mantém em suspensão a categoria da quantidade relativa manifestada na articulação **O** (des-) vs \pm (mal-).

Da mesma forma que na estrofe I, é introduzido na estrofe II um verbo cujo plano da expressão, como esquecer, manifesta a primeira instância de distanciamento:

*... (que pode senão)
... rodar também, e amar?*

A comutabilidade sintática de amar/rodar está afirmada enfaticamente uma

vez que o novo lexema ocupa no verso exatamente a mesma posição ocupada por amar na estrofe anterior; na seqüência é amar que se apresenta como o segundo termo da equivalência. Entre a estrofe I e a II ocorre uma inversão:

(que pode senão)

I amar e esquecer/malamar/desamar

II rodar e amar.

Essa inversão, ao colocar uma relação de permutabilidade entre os termos, neutraliza a pertinência distintiva da posição e reafirma a equivalência dos lexemas.

Tanto esquecer quanto rodar se distanciam de amar pelo nível semiológico; se, entretanto, ao primeiro é necessário percorrer toda uma trajetória complicada que leve à equivalência, já ao segundo verbo parece mais fácil estabelecer uma base isotópica. Para isso é preciso situar o lexema no contexto geral do poema.

3.0. Deixando de lado por ora todos os demais aspectos introduzidos pela sua natureza retórica, pode-se considerar como uma das frases de base da proposição dos versos iniciais a seguinte:

X ama Y.

X é realizado na estrofe I pelo sintagma uma criatura enquanto Y se reduz a ÇJ. Na estrofe II, esse sintagma é substituído por o ser amoroso enquanto Y continua 0, embora só na primeira parte em que essa estrofe se divide. Num primeiro momento, a tônica recai, portanto, na relação SN—SV. Tanto assim que os seus constituintes básicos, o sintagma sujeito e o núcleo do predicado, recebem determinações em oposição à ausência do complemento objeto:

uma criatura, entre criaturas
e até de olhos vidrados, *amar?*

Na estrofe II a ênfase sobre o sujeito persiste na forma de substituições e de expansão:

uma criatura cede lugar a o ser amoroso e entre criaturas passa a sozinho, que se especifica em em rotação universal.

Já com relação ao predicado algumas alterações se observam. A partir da es-

trofe II não se verifica na posição de **até da olhos vidrados** nem substituição nem expansão semelhante às da função sujeito. Faz exceção **solenemente** na estrofe III, justificável pelo sintagma objeto. Em contraposição, ganha relevo a partir da segunda parte da estrofe II a função objeto, atualizado em todas as estrofes em que ocorre o enunciado de base. Essa não atualização de sintagmas circunstanciais e a importância atribuída ao objeto fazem supor uma relação de suplência do circunstancial pelo objeto. Isto é, a significação manifestada por **até de olhos vidrados** pode se apresentar veiculada nas demais estrofes pela articulação dos sintagmas objeto.

3.1. Uma análise contextual de **amar** revela a existência de duas classes contextuais de lexemas aptos a ocupar a posição X. Uma classe de humanos e uma classe de animais. Tem-se aí a categoria /animado/ que se disjunge em /humano/vs/animal/. Um rápido cotejo no campo lexemático de **criatura** revela como semas constantes os seguintes: /animado/, /produto natural/, e como contextuais /humano/ ou /animal/. Em um sub-conjunto de contextos, **criatura** é equivalente ao lexema **homem**. Isto significa que se tem no enunciado **uma criatura ama** de isotopia humana, um emprego estilístico de **criatura**, o qual obriga a procura dos semas disjuntivos que motivaram, a partir da equivalência referida, a escolha de tal expressão.

A resposta é sugerida primeiro pelo sintagma **entre criaturas** e, depois na estrofe II, pela expansão **em rotação universal**. A espacialidade manifestada pelo primeiro e especificada como terrena pela segunda põem em destaque um traço discreto anteriormente apontado: o de /produto natural/.

Na estrofe II, a expressão **uma criatura** é substituída por **o ser amoroso**. A divisão do novo sintagma sujeito em duas unidades discretas (o ser/amoroso) deixa ver a lexicalização do sema /ser/, eixo de articulação de /animado/vs/inanimado/ e presente em **criatura** na forma de seu primeiro sema. Por outro lado, o artigo definido indicando pronominalização e a transformação em adjetivo dada pelo sufixo **-oso** revelam o sintagma como resultante da transformação do enunciado: **uma criatura ama**.

Tem-se aí uma transformação de uma predicação funcional em uma predicação qualificativa. Além da distância estilística entre as duas expressões que realizam a função sujeito, verifica-se ainda uma distância entre o enunciado da estrofe I como um todo e o sintagma sujeito do enunciado da estrofe II. Nesta distância, traduzível em termos de redução de uma predicação funcional em qualificativa, processa-se uma retomada metalingüística da

primeira pela segunda. A esta retomada a nova expressão, resultante de uma lexicalização, explicita semas não perceptíveis numa leitura isolada da primeira expressão. Explicitar classemas suspensos no enunciado anterior, eis a função da segunda unidade do sintagma **o ser amoroso**.

Quais classemas? Uma resposta pode ser tentada pela comparação da forma derivada de substantivo - amoroso - com a forma derivada de verbo - amante, preterida no poema.

3.2. O sistema da língua portuguesa oferece as duas possibilidades de derivação, cada qual manifestando um ou vários classemas específicos. Considerando-se que o adjetivo resulta da transformação de uma predicação funcional cujo núcleo é realizado por um verbo, a forma de maior probabilidade seria a verbal: pergunta-se, por isso, qual a razão da isotopia instituída pelo termo escolhido. Por que **amoroso** e não **amante**?

Procedendo-se a uma comparação dos campos lexemáticos em que se distribuem as duas formas, chega-se a uma conclusão parcial. É necessário confrontar o resultado obtido com os dados que ofereçam comparações de outros pares homólogos existentes na língua (ardor-oso/ard-ente; estudi-oso/estud-ante) e ainda com aquelas formas - substantiva ou verbal — que não possuam par. A partir daí se alcançaria uma conclusão de âmbito mais geral sobre a distinção semântica das duas formas de lexicalização.

Não sendo viável neste trabalho a realização de tal pesquisa, restringimo-nos à comparação de alguns contextos em que se atualizam os lexemas em questão.

3.3. Antes, porém, é preciso examinar a relação do sujeito sintático—semântico dos enunciados com o seu predicado, tendo em vista ser o sujeito da estrofe II uma condensação da predicação funcional da estrofe I. E, a seguir, examinar a relação dos dois enunciados entre si, tendo em vista o funcionamento metalingüístico do discurso que aí se processa.

Na estrofe I, entre o sujeito e o predicado, deixadas de lado as significações instauradas pelos processos retóricos apontados, não parece apresentar-se nenhum problema. Na estrofe II, no entanto, a tautologia primeiro evitada e depois realizada:

o ser amoroso roda
o ser amoroso ama,

assinala duas perspectivas inversas à abordagem da equivalência. A tautologia, numa primeira instância, afirma uma identidade semântica, um sentido óbvio; esse sentido óbvio impõe, numa segunda instância, uma leitura a partir da **não** identidade sintática dos segmentos justapostos. Em oposição à tautologia de **o ser amoroso/ama**, a primeira predicação (**roda**) cumpre de imediato aquilo que Greimas atribui à escritura poética: diferir a comunicação. Em contraposição, portanto, à isomorfia sintática de **roda** e **ama** e de **uma criatura** e **o ser amoroso**, caracterizada como lugar de substituições paradigmáticas, no caso da tautologia a divisão do enunciado em dois segmentos discretos:

o ser amoroso / ama

denuncia uma relação heteromorfa entre eles. De acordo com Greimas, a relação heteromorfa entre termos equivalentes oferece a possibilidade de intercâmbio, de permutações sintagmáticas dentro do quadro do próprio enunciado:

o ser amoroso = (o que) ama.
Dn Df

Essa equivalência horizontal não pode ser estabelecida logo de início entre os componentes do enunciado da estrofe I:

uma criatura / ama.

Isto porque é indispensável a mediação da transformação realizada na estrofe II para que a equivalência sintática substitutiva seja complementada por uma equivalência semântica. Para que **criatura** substitua integralmente **ser amoroso**, a leitura deve percorrer duas direções sucessivas: a primeira, da estrofe I para a II e, a segunda, da estrofe II para a I. É só então que a equivalência heteromorfa de **criatura/ama** se torna viável.

Se se concorda com Greimas quanto à distinção entre escritura substitutiva *essentielle* e escritura permutacional *evenementielle*, a condensação do enunciado da estrofe I pelo sintagma nominal da estrofe II se processa graças à passagem de uma perspectiva *evenementielle* para uma perspectiva *essentielle*. Como no entanto a relação heteromorfa da estrofe II se apresenta na

forma de uma predicação funcional (o ser amoroso ama), verifica-se numa segunda leitura que a escritura *evenementielle* está determinada por uma perspectiva *essentielle*.

Estas considerações não são, porém, suficientes para lançar uma ponte através da qual se instaure uma equivalência entre amar e rodar.

3.4. Voltando à dicotomia amoroso/amante, um primeiro aspecto que se oferece é o do comportamento sintático dos dois lexemas quanto à exigência ou não de uma complementação equivalente à requerida pelo predicado amar. Fazendo-se a substituição de amoroso por amante no sintagma em questão, confirma-se a comutabilidade deles, sem que a forma verbal acarrete a manifestação necessária de uma complementação. Entretanto, um rápido exame das condições em que a comutação é possível revela uma proporcionalidade inversa no emprego das duas formas:

a — poucos são os contextos em que a forma amante se atualiza sozinha; nesses casos, ou ela se apóia em um contexto mais amplo que o enunciado elementar, ou se situa em um enunciado de condensação isotópica (ex. amada amante) ou recebe uma carga generalizante (o ser amante).

b — em contraposição, a forma amoroso guarda uma grande autonomia quanto à complementação; quando esta se dá marca o caráter particularizante da ocorrência:

X é amoroso.
X é amoroso com...

Uma outra diferença se apresenta na preposição que introduz o complemento: com amante ocorre de e com amoroso se emprega com. A distância criada pelos significantes devem corresponder realizações metassêmicas distintas. A esse respeito diz Celso Cunha (3):

*De - Movimento= afastamento de um limite, procedência, origem,
(As noções de causa, posse, etc., daí derivadas, podem prevalecer em razão do contexto).*

E como exemplo de. afastamento *na noção* apresenta os versos de C. Meireles:

*Gtorinho de clarineta
de clarineta de prata,
na úmida noite de lua.*

*Com - Situação = adição, associação, companhia, comunidade,
simultaneidade: na noção.*

Compare-se com o que dizem Pottier, Audubert, Teodoro Paes (4):

*de/com - Com o morfema **com**, apresenta-se a associação: **um
homem com sapato branco**. Se essa associação toma-se
habitual, a relação é integrada no nível fundamental: **o
homem do sapato branco** (Cf a presença do pressupo-
nente o).*

O confronto das afirmações acima demonstra uma posição comum quanto à distinção habitual/não-habitual, integrado/não-integrado, segundo a terminologia dos autores da segunda citação.

Embora a exemplificação (e explicação) nos dois casos não seja abundante e nem apresente ocorrências próximas às do poema, a distinção comum aporta uma orientação a seguir a que se voltará mais adiante.

Quanto à compatibilidade e incompatibilidade semântica nessa posição entre os lexemas e seus contextos, alguns dados podem ser isolados a partir dos exemplos:

a) X é amante de arte

música
ave
Maria
Picasso

b) X é amoroso com o pai

as crianças
o cachorro
os animais

A oposição /humano/ vs /não-humano/ só é pertinente quando se articula o /não-humano/ em /animado/ vs /inanimado/. O /humano/ é traço conjuntivo dos lexemas em questão mas o /não-humano/ + /inanimado/ é incompatível

com amoroso: este lexema instaura normalmente uma isotopia humana comprovável pelos contextos que seleciona na posição de sujeito ou de termo determinado. O traço distintivo de **amante** parece ser, além da compatibilidade com o clasema/inanimado/, o fato de não comportar uma complementação que especifique uma individualidade não-humana animada (X é amante de seu cão piquenês).

Além do caráter eminentemente humano de **amoroso**, o exame de compatibilidades sêmicas entre os lexemas e seus complementos não parece oferecer subsídios à análise do poema. A disjunção, porém, de /processo/ vs /estado/ que se manifesta na oposição de **amada amante** e **X é amoroso** pode talvez explicar a diferença de proporção quanto a maior e menor grau de integração entre sujeito e atributo. Em vista da distribuição quantitativa dos contextos em que os lexemas se apresentam acompanhados ou não de complemento, pode-se dizer que **amoroso** manifesta o clasema /habitual/ ou /permanente/ enquanto **amante** manifesta os termos contrários. Quanto à transitividade ou não decorrente se estabelece a seguinte escala:

intransitividade	⊕ transitividade	transitividade
X é amoroso	ser amante	X é amante de...
	X é amoroso com...	

O metassemema lexicalizado pela preposição **com** neutraliza até certo ponto a intransitividade da forma **X é amoroso**, acrescentando-lhe uma transitividade circunstancial. Em oposição a isso e confirmando a diferença de integração sujeito-atributo acima assinalada, os morfemas **de** e **com** indicam uma maior integração de atributo-complemento em **amante** e uma menor em **amoroso**.

No campo restrito do poema não se julga a diferença etimológica das duas formas que fatalmente apontaria o clasema /processo/ à forma proveniente do participio presente latino; nem se julga a maior ou menor assimilação dessa forma verbal à classe dos adjetivos (compare-se com **tolerantè**); não é pertinente também a operação sentimento/sentimental que normalmente se reconhece em **amoroso**. No poema, em **amoroso** se expressa um atributo hiponímico do sujeito; expressa-se uma qualidade fundamental e inerente ao homem.

No momento, porém, em que o ser amoroso se define como criatura, ou seja como produto natural, terreno, ele se torna actante de uma predicação funcional e participa de *un petit spectacle, comportant un procès, quel-*

ques acteurs et une situation plus ou moins circonstanciée (SS, 117). Passa-se, pois, de uma manifestação mítica axiológica para uma manifestação ideológica. O ser amoroso ou a criatura se faz ator de um saber-fazer mítico. Ao realizar-se este pelo verbo **amar**, acarretando uma complementação — implícita ou explícita -, manifesta-se a transitividade característica de **amante**.

Essa transitividade que nos permite transcrever o enunciado base na forma:

Aj(s) 4- F (s + não-s)- + A2 (não-s)

e explica a manifestação reiterada, insistente de A2 nas estrofes II, III e V, não explica, contudo, a equivalência

rodar = amar.

4.0. A partir da segunda metade da estrofe II, o fulcro de significação se desloca para a área do objeto, de A2.

O complemento direto do verbo amar se realiza de várias formas: realizam-no unidades de significação de estrutura e dimensão diferentes e dos mais diferentes campos semânticos. São unidades expressivas cuja equivalência sintática é determinada pela estrutura do predicado do enunciado. Distinguem-se pela diversidade de lexemas empregados e pela estrutura do próprio sintagma que compõem.

Na estrofe II, a função objeto se expressa de forma oblíqua e complexa:

amar o que o mar traz à praia
o que ele sepulta.

A estrutura das definições do objeto de amor é, neste caso, senão a mesma, semelhante à de um código de palavras cruzadas. Dada a definição, parte-se para a denominação. Entretanto, os subsídios oferecidos ao leitor do poema são menores que os do decodificador de palavras cruzadas: este conta com as balizas dos quadradinhos (número e posição) e dos grafemas (e não fonemas). Restringindo-se ao quadro dos dois versos acima, as definições por estes expressas são definições *evenementielles*, ou se situam no limite desse tipo

de codificação. O jogo de cata-anafora entre o antecedente (o pronome) e o conseqüente (a frase) não permite a identificação de um referente no âmbito do discurso.

Mas, atendo-se ao que oferecem os dois enunciados, duas significações se depreendem: a variabilidade de objeto de amor expressa pela variedade de predicados atribuídos ao mesmo sujeito (mar) e a própria não-identificação do objeto.

A mesma isotopia gramatical liberada pela identidade posicional, sintática dessas duas definições continua a manifestar-se no final da estrofe:

*(amar)... e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia.*

Ao lado dessa identidade, duas diferenças se impõem: primeiro a substituição das predicções funcionais por predicções qualificativas; depois, a importância do sintagma preposicionado *na brisa marinha*.

As expressões sal, precisão de amor, simples ânsia são equivalentes quanto à posição sintática e o são também quanto à localização no verso. As três expressões segmentam a unidade formal do verso em partes bem determinadas. A distância entre elas se situa na motivação semântica direta de mar—praia—brisa marinha—sal, e na motivação metafórica hipotática das duas outras. Entre brisa marinha e sal há uma relação hiponímica, de parte para parte no todo mar. Isso não acontece entre brisa marinha e precisão de amor e simples ânsia.

Em amar o que é, na brisa marinha, sal volta a repetir-se uma definição *evenementielle*, mas um pouco menos transparente que as anteriores. Dela se depreendem os seguintes dados: apesar de tratar-se de uma predicção qualificativa, não se processa uma equivalência simples em que X = sal; a restrição imposta pelo sintagma preposicionado através do metassmemema /em/, deixa evidente a significação do verbo ser neste contexto: o que na brisa marinha corresponde a sal. Ou, tendo como eixo a espacialidade /onde/:

sal: mar :: ? : brisa marinha,

equação que não pode ser expressa por: o que é da brisa marinha sal. É esta não-identificação do referente que possibilita a criação das metáforas subseqüentes:

o que é, na brisa marinha, precisão de amor
simples ânsia.

As três expressões estão ligadas entre si pela conjunção *ou*. O metasemema que esta cobre pode ser ou uma disjunção de exclusão ou uma disjunção de inclusão. Ou ambas: daí a ambigüidade do texto. Pela exclusão, sucedem-se três objetos de amor diferentes. Pela inclusão, realiza-se uma explicitação metalingüística em cadeia. Se se aceita a última alternativa, torna-se reconstituível o percurso da isotopia classemática a partir do último termo - simples ânsia, para chegar-se às definições *evenementielles* desta estrofe.

O lexema *ânsia* revela, no contexto, o sema /carência/ no eixo da comunicação sujeito-querer-objeto e incidindo sobre o sujeito. O determinante simples explicita a relação semântica dada pela ordem de atualização dos lexemas *precisão* e *ânsia*. Na metáfora *precisão de amor* ocorre uma nominalização em que se determina o objeto, sem contudo deixar de enfatizar-se a carência no sujeito, a qual institui o objeto como tal, isto é o objeto é decorrência da carência no sujeito. Em outras palavras, nas duas expressões metafóricas se apresenta implícito o processo de comunicação do objeto. A verbalização do objeto em uma e sua não-verbalização em outra, conferindo um caráter particularizante à primeira e um caráter generalizante à segunda, e ainda a gradação da intensidade de /+/ para /-/ implícita na sequência *precisão—ânsia*, colaboram na caracterização do sujeito como um sujeito carente de. Chega-se assim às conclusões:

a - as definições *evenementielles* ganham sentido na medida em que se inserem num contexto maior; esse sentido lhes é atribuído graças ao suporte da equivalência sintática;

b - as definições metafóricas são as que liberam a base classemática;

c - entre as definições a- e b— intercala-se uma definição complexa. intermediária: ela participa de a- pela isotopia denotativa e de b- pela equivalência sintática, estendendo a ponte de b— para a—.

Como em b- se opõem determinação e não-determinação do objeto vs marca do sujeito, uma nova leitura de a— se torna possível. A indeterminação do objeto em a- dirige o centro de significação para a relação sujeito vs variedade de objeto. Como o sujeito em b- é um sujeito

carente de, a variedade de objetos e sua indeterminação levam à equivalência:

amar Y = necessitar de.

4.1. Sobre essa estrofe e as definições b—, uma nota ainda: a natureza hiponímica da relação sujeito e objeto, identificável apesar dos torneios sintático—semânticos que levam à sua metaforização; o sujeito ama a própria carência que o caracteriza. É esta mesma relação que volta na estrofe III, verso 2; este repete a mesma estrutura sintática básica das estrofes anteriores, localizando-se assim, quanto à complexidade, entre as definições a— e b—:

a — amar o que o mar traz à praia
ele sepulta

amar o que é entrega ou adoração expectante

b — amar o que é, na brisa marinha, precisão de amor
simples ânsia.

4.2. A estrofe III está constituída de manifestações do complemento objeto introduzidas nessa unidade formal poética pelo núcleo do predicado. Essas manifestações dividem-se em expressões referenciais de diferentes campos semânticos e em expressões metalingüísticas:

a—	b—
amar as palmas do deserto	amar o inóspito
um vaso sem flor	o áspero
um chão vazio	o que ^{entrega} _x
o peito inerte	adoração expectante
a rua vista em sonho	
uma ave de rapina	

Os sintagmas de a- são segmentáveis em duas unidades discretas; em todos eles a articulação sêmica das unidades manifesta o clasema /carência/, graças à incompatibilidade /elemento preenchedor/ vs /continente não-preenchível/ (palmas—deserto), /continente/ vs /não-conteúdo/ (vaso-sem-flor chão-vazio), /órgão ativo/ vs /não-energia/ (peito-inerte), /realidade/ vs /não-realidade/ (rua-vista em sonho), /predador/ vs /não-predador/ (ave-rapina)

A visão mítica disfórica expressa pela articulação sêmica desses sintagmas é explicitada nas nominalizações:

(amar) o inóspito, o áspero.

em que a carência se manifesta graças à articulação de /contínente/ □+□ /não-habitável/ e do classema /rude/. A segunda modalidade de manifestação do objeto classificada em b— apresenta também duas nominalizações, ambas de enunciados que podem ser transcritos da seguinte forma:

$$\begin{aligned}F &= \text{SN}+\text{SV} \\ \text{SV} &= \text{V}+\text{SN}_2 \\ \text{V} &= \text{vt.}\end{aligned}$$

As nominalizações omitem o SN₂, fazendo a significação incidir na relação SN-SV e não em vt-SN₂. O sujeito implícito e a não manifestação do objeto fazem ver entre eles uma relação de reflexibilidade: entregar-se, a qual pode receber na posição objeto tanto uma representação hiponímica (de parte do ser) quanto hiperonímica (da totalidade). A reflexibilidade coloca a ênfase na postura do sujeito. Isso se confirma no determinante da expressão seguinte: adoração expectante, o qual manifesta o classema /carência/.

Bipartindo-se a expressão sintetizante adoração expectante em duas unidades de forma que a elas correspondam comportamentos distintos do sujeito, evidencia-se a seguinte gradação:

entrega	- adoração -	expectante
(dar-se por	(dar amor)	(receber ou
completo)		esperar amor)

A relação metalingüística estabelecida pela conjunção ou torna equivalentes as duas expressões e conduz à mesma conclusão da estrofe II:

$$\text{entrega} = \text{adoração expectante} = \text{carência do sujeito.}$$

4.3. Nas estrofes anteriores, I e II, as expressões que desempenham o processamento metalingüístico do discurso poético, se encontram no último verso: elas devolvem a leitura aos termos a que se referem. Já na estrofe em questão essas expressões situam-se em versos internos (V 2, V 3). Os versos exteriores (V. 1, 4 e 5) se transformam em realizações estilísticas de um conteúdo catafórico e anafóricamente dado. Conteúdo posterior a V. 1 (anafórico) e antecipado a V. 4 e 5 (catafórico).

5.0. Vejamos agora a estrofe IV, caracterizada no início deste

estudo pela não ocorrência da forma verbal **amar** e pela repetição da forma substantiva **amor**.

Essa oposição distributiva dos termos dicotômicos coincide com a distribuição das predicções funcional e qualificativa no poema. Enquanto as demais estrofes apresentam uma predominância da predicação funcional, esta se apresenta toda ela constituída de predicções qualificativas, seja na forma de um enunciado com elipse da ligação verbal (**este o nosso destino**), seja na forma de sintagmas resultantes de nominalização.

A diferença acima colocada se explica: a função predominante na estrofe IV é a metalingüística, evidenciada pelo processo de justaposições e condensações. A estrofe é introduzida pelo enunciado:

Este o nosso destino;

ao qual se seguem, como indica o signo sintático :, vários sintagmas de função apositiva. As definições se distribuem em duas unidades, segmentáveis em cinco outras. Como assinala Greimas, esse tipo de sintagma em expansão é susceptível de uma decupagem binária:

- a - amor // sem conta;
- a' - (amor) // distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas;
- b - doação ilimitada // a uma completa ingratidão;
- c - concha // vazia do amor;
- d - procura medrosa e paciente // de mais e mais amor.

Observa-se aí a posição sintática ocupada pelo lexema **amor**: mediatizadas pela definição b — em que o lexema não ocorre — fato significativo, como se verá as duas primeiras e as duas últimas se encontram em uma relação de inversão:

1? unidade		2? unidade
a, a'	b	c, d.

Isto, respeitando-se a forma de expressão do texto, não é gratuita sem dúvida, de definição a'; sem se proceder, portanto, às transformações necessárias a uma outra perspectiva de abordagem.

A primeira unidade está constituída de duas nominalizações de enunciados cujo núcleo verbal é realizado por verbos transitivos (doar,

procurar); está constituído duas vezes do lexema **amor** e de um substantivo devido a uma motivação metafórica. Entre as duas nominalizações duas diferenças se verificam. Enquanto à **procura** se indica o objeto (**amor**) a **doação** não. Em doar o sujeito é destinador também; em procurar o sujeito é o próprio destinatário. Em um caso tem-se sujeito fonte de amor e, no outro, sujeito receptor de amor.

Procedendo-se às transformações de a' a que se referiu acima, tem-se:

(amor) distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas
distribuição de amor pelas coisas pérfidas ou nulas.

Neste caso, o lexema **amor** passa à segunda unidade discreta da definição, o que acarretaria sua equiparação à posição ocupada na definição d. A expressão original do poema evita essa equiparação pois parece predominar nesta parte da estrofe uma visão do processo de comunicação do objeto em que o sujeito é também destinador.

5.1. A definição a definição de **este o nosso destino** — sintetiza na forma de uma denominação todas as predicções das estrofes anteriores em seu conjunto. Ela desempenha, portanto, uma dupla função metalingüística:

estrofe I e II		amor sem conta		nossodestino
Df-----	□	Dn	Df-----	□ Dn

Ao dividir-se em duas unidades discretas, este sintagma abre-se a uma expansão de sua segunda unidade — a definição a':

amor/sem conta = (amor)/ distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas.

O semema /relação de parcelas/ + /não limite/ de **sem conta** se especifica: a relação de parcelas se faz expansão descontínua especificada, por sua vez, em ou /humana/ ou /não-humana/. A definição c— (de **nosso destino**) é denominação das duas definições anteriores (a e a'); isto é, **amor sem conta** e **(amor) distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas** equivalem a **doação ilimitada a uma completa ingratidão**.

A negação do limite da relação de parcelas é lexicalizada na denominação pelo determinante da primeira unidade: **ilimitada**. O carácter superlativo

do determinante está contido também no determinado: doar é dar inteiro, por completo. A descontinuidade de **distribuir** especificada em /humano/ e em /não-humano/ em **pérfidas** e **nulas** se apresenta agora, tanto em **doar** quanto em **completa**, na forma do outro termo da articulação: /parte/ vs /todo/. Adisforia humana transforma a transitividade, a expansão unidirecional de **doar** em reciprocidade negada ao expressar-se no lexema **ingratidão**, no qual o sujeito seria destinador e destinatário: um sincretismo de três actantes no mesmo ator.

As definições a- e a'-, de um lado, e a denominação b-, de outro, estabelecem, portanto, uma relação de:

manifestação discreta / manifestação integral

do mesmo conteúdo. Se se considera:

- a ausência manifesta do objeto na definição b-, em oposição à sua atualização clara nas demais;
- a posição intermediária da definição b— na inversão a-a' - c-d, à qual corresponde uma distribuição homóloga de sujeito-destinador e sujeito—destinatário;
- a relação manifestação discreta vs manifestação integral na retomada das definições a- e a'- pela b,

então se pode afirmar que o objeto de doar (**doação de**) é o termo complexo dos sujeitos das definições que antecedem b- e a seguem: Sujeito + Destinador + Destinatário. Repete-se pois aqui a mesma estrutura vista em:

entrega ou adoração expectante

ou seja:

$$\frac{\text{amor sem conta}}{\text{distribuição de amor}} = \frac{\text{doação ilimitada}}{\text{procura de amor}} \\ \frac{\text{Sujeito-Destinador}}{\text{Sujeito-Objeto Sujeito Destinatário.}} \\ = \text{carência}$$

5.2. As definições finais c- e d- o são, como as iniciais, de **nosso destino** e se encontram numa relação de imbricamento:

d — a procura medrosa, paciente, de mais e mais amor
c - na concha vazia do amor.

Em c-, o lexema **vazio** retoma a base classemática das manifestações da função objeto nas estrofes II e III e as categorias sêmicas disfóricas das definições a-, a'- e b-. A primeira unidade da definição, **concha**, manifesta os classemas /continente/ + /fechado/ + /circular/, aos quais se acrescentam os do lexema determinante. À definição toda corresponde, portanto, a significação:

continente fechado, circular, não-preenchido, humano disfórico.

Daí a contradição entre esta e a definição em que está contida: de um lado a afirmação do objeto e de outro a sua negação: a procura do amor na concha vazia do amor. Em outros termos, contradição entre:

/expansão+/transitividade/ vs /não-expansão+/circularidade/.

Sem a definição b— se reconhece a manifestação do termo complexo (transitividade, reciprocidade—intransitividade), nela se reconhece a ponte da transformação de

/transitividade/ em /circularidade/.

6.0. Relacionemos, agora, essa conclusão geral sobre a relação sujeito destinador-destinatário e a atividade amorosa, primeiro, com as expressões que realizam a função sujeito no poema; a seguir, com a significação dos recursos retóricos das estrofes I e II (interrogação e restrição) e da denominação **destino** da estrofe III.

1) Em **ser amoroso** interessa o caráter de imanência do atributo, a visão de um estado permanente, não circunstancial e intermitente; interessa, por conseguinte, a visão *essentielle* do homem;

2) A essa visão do homem se acrescenta a sua condição disfórica expressa pelos recursos da interrogação e da restrição;

3) Uma visão disfórica à qual se junta o caráter de pré-determinação, de obrigatoriedade, manifestada pelo lexema **destino** que explicita a passividade já contida, primeiro, na denominação **criatura** e, segundo, na modalteação **poder** e na restrição **senão**.

Entre o sujeito assim definido e a sua manifestação histórica dá-se uma contradição: de um lado, a sua condição de condenado a uma atividade transitiva que o cria e o define; de outro, a inexistência de condições à realização dessa mesma atividade. Daí a circularidade expressa pela metáfora

concha vazia,

já anunciada na estrofe I na transitividade (**olhos**) negada (vidrados) do circunstancial:

até de olhos vidrados amar.

Só então se pode entender a equivalência de

amar = rodar.

7.0. A contradição acima referida se encontra expressa na última estrofe do poema em três níveis do discurso.

A volta da predicação funcional, após a estrofe IV, torna ambígua a leitura do final do poema. Ela pode ser lida como uma continuação da manifestação funcional da atividade amorosa, equiparando-se, portanto, às três primeiras:

estrofe I: Quem pode... senão

amar e...

II: Que pode... senão

amar o que...

III: **Amar** solenemente...

IV: Este o nosso destino:

V: **Amar** a nossa falta mesma...

Nestes termos dar-se-ia a comprovação, pelo próprio discurso, do que se acabou de afirmar: a condenação do homem a prosseguir em sua atividade amorosa. Por outro lado, pode-se entender esta última estrofe como uma nova definição que se junta às da estrofe IV: teria, assim, uma função meta-lingüística.

No entanto é preciso respeitar a significação semântico—sintático do silêncio interposto entre esta última estrofe e o último verso da estrofe anterior: é ele que dá àquela sua autonomia de estrofe. É preciso respeitar a

diferença de pontuação: a relação entre a denominação **este o nosso destino** e as definições que compõem a estrofe IV está explicitada pelo sinal dos dois pontos; a estrofe em questão se separa da anterior pelo ponto final desta e pelo novo parágrafo que ela própria inicia.

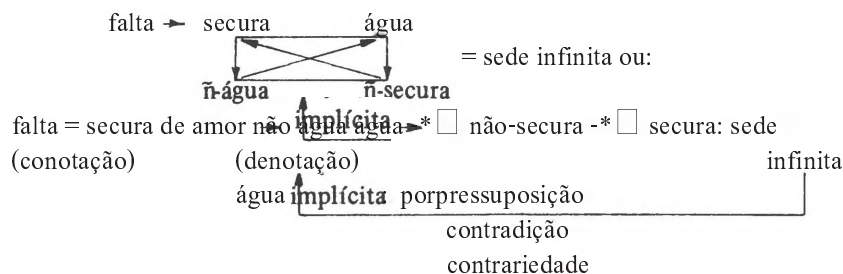
Superpondo*se as duas leituras, tem-se uma retomada metalingüística do poema até a estrofe anterior ao lado da realização dessa mesma significação. A imperiosidade do ser em prosseguir na atividade amorosa se expressa pela predicação funcional; a função objeto, porém, ao expressar-se na metalíngua utilizada na estrofe IV, indica a permanência do sujeito da enunciação no nível do discurso:

Amar a nossa falta mesma de amor
e na secura nossa,
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

Ao retomar a predicação funcional, o sujeito da enunciação não o faz ao nível do discurso das duas primeiras estrofes em que a língua é instrumento em que se veicula uma experiência a ser transmitida. Na caminhada feita ao longo dos versos, ao longo do discurso, o estágio alcançado na estrofe IV não permite retrocesso. O sintagma **a nossa falta mesma de amor** é verdadeiramente uma nova denominação que sintetiza a síntese da estrofe anterior, cuja base classemática se encontra lexicalizada em **falta**. A partir desta lexicalização seguem-se outras:

secura, água implícita, beijo tácito, sede infinita.

Três delas, embora retomem o mesmo campo semântico de **mar** da estrofe III, não pertencem mais à língua natural. Elas denunciam o envolvimento do sujeito do enunciado na atividade viciosa do amor e, ao declarar isso, provocam o envolvimento do sujeito da enunciação na própria metalíngua ao explicitar a própria estrutura mínima de significação.



8.0. É inegável a clareza do princípio tomado neste trabalho como modelo à identificação dos processos metalingüísticos do funcionamento do discurso e de sua significação os quais dessem conta da criação de um sub-código particular a esse texto drummondiano. Clara também é a proposta de se considerar a relação título e texto do poema como a de duas expressões diferentes de um mesmo conteúdo. Apesar dessa clareza tortuoso é o caminho seguido para o estabelecimento desse conteúdo, confirmando as palavras de Greimas, segundo as quais a isotopia de um segmento de um discurso poético só se resolve pela isotopia geral do texto. Em face das dificuldades encontradas e das oscilações não camufladas, consideramos o presente estudo antes como um exercício de análise e de verificação de uma aprendizagem dos conceitos greimasianos.

Contudo cremos ter apresentado uma resposta à pergunta inicial deste trabalho: por que amar e não amor? E por outro lado ter apresentado em grandes linhas um código em que a pelo menos dois termos-objetos (homem e amar) já é possível estabelecer um paradigma de atribuições e qualificações e de tal forma que, empregadas em uma escritura substitutiva ou em uma escritura de permutações sintagmáticas, confirmem a autonomia de seu sistema.

A clausura de um texto e as suas significações autônomas se confirmam pela reconversão dos termos que se interdefinem. Isto é, na medida em que uma denominação pode ser traduzida por uma definição e esta condensar-se na denominação. Entretanto o desenrolar o discurso não se faz como uma alternância regular desses dois modos de manifestação. Como exemplifica o poema de Drummond, uma denominação de dimensão superior à do lexema pode ser definição de uma outra denominação. Nesse encadeamento de definições e denominações em degraus, é preciso distinguir, sob a aparência homogênea da língua natural empregada, níveis de utilização da mesma. No poema em questão, inicia-se com um emissor que fala de algo: a língua aí é instrumento expressivo; ao voltar-se sobre as suas próprias palavras, num segundo momento o emissor transforma a língua em metalíngua dela mesma. No final do poema, tem-se um discurso que, livre da relação metalíngua e língua-objeto do estágio anterior, faz da metalíngua a sua própria língua. É uma distância que deve ser medida e ser expressa em termos de uma equivalência de conteúdo. Em nosso poema, esse processo vicioso do funcionamento metalingüístico configura a própria imagem icônica da significação do semema /amar/.

- (1) Quando se tratar de obras de Greimas, para facilitar a identificação bibliográfica esta será feita no próprio corpo do trabalho, seguida da página, através das siglas: SS para *Sémanitique Structurale* (Larousse, 1966) e DS para *Du Sens* (Seuil, 1970).
- (2) DRUMMOND de Andrade, Carlos - Claro enigma. In OBRA COMPLETA, Rio de Janeiro, Aguilar, 1967, p. 246.
- (3) CUNHA, Celso - Gramática da língua portuguesa. Rio de Janeiro, MEC FENAME, 1972. pp. 521-2.
- (4) POTTIER, AUDUBERT, PAIS — Estruturas lingüísticas do português. São Paulo, Difusão E. do Livro, 1972. p. 64.

Starting with the assumption that the literary text - as opposed to texts of a functional nature - is characterized by the **cloture** of its discourse, and taking as a methodological principle the play of equivalencies along the lines suggested by Roman Jakobson, the author attempts to apply to a poem of Carlos Drummond de Andrade the theory of A.J. Greimas concerning the metalinguistic functioning of all discourses. Basing her study on the explanations contained in **Sémanitique Structurale** and in the essay *L'écriture cruciverbiste* (**Du Sens**), the author attempts to trace through the poem the sinuous trajectory of the discursive development and verify whether it follows the principle of equivalency, in its most varied forms of creation. By limiting the examination to the narrow frame of a single text, it was possible to articulate a unique code belonging only to this text.

Tout en partant du principe selon lequel le texte littéraire est caractérisé — par opposition à un texte de nature utilitaire - par la clôtüre de son discours, et ayant comme principe méthodologique le jeu des équivalences dans les termes que Roman Jakobson a proposé, l'auteur cherche à appliquer la théorie de A.J. Greimas au sujet du fonctionnement métalinguistique de tout discours à un poème de Carlos Drummond de Andrade. Fondé sur les dissertations trouvés dans la **Sémanitique Structurale** et dans l'essai *L'écriture cruciberviste* (**Du Sens**), l'auteur essaie de poursuivre tout au long du poème le parcours sinueux du développement du discours et cherche à s'assurer si ce n'est pas le principe d'équivalence, dans ses plusieurs formes de réalisation, se bornant au cadre étroit et restreint d'un texte singulier, ce qui rend possible l'articulation d'un code spécifique, particulier à ce texte.